

Verão quente nos canaviais

A coisa ficou preta em Sertãozinho. Na ameaça de saque a uma loja da rede de supermercados Savegnago, no bairro Alvorada, tinha de tudo além de trabalhador rural desempregado. A repressão não descuidou de ninguém. Enquanto a menina, no fundo, passa rapidinho, um senhor acaba de perder o chinelo direito e ver que a coisa, pra ele, começa a pretejar instantaneamente.

Com saldo de dezoito pessoas feridas, dezenas de outras reprimidas à base de cacete e bombas de gás lacrimogênio, policiais, além de manter tenso o clima de seis cidades vizinhas, o movimento grevista dos trabalhadores rurais, deflagrado no início de janeiro, desvia parte da atenção de qualquer brasileiro à região de Barrinha, a mais rica região açucareira do País.

O movimento dos ruralistas completou as primeiras semanas de 85 e só conseguiu ser normalizado após a contratação dos desempregados pelas prefeituras. Até segunda-feira, dia 14, quando fechamos a presente edição do "Jornal de Barrinha", o impasse prosseguia. As principais reivindicações do movimento (amparo aos desempregados e diária salarial de 20 mil cruzeiros) não davam sinais de serem atendidas, embora em fase de negociação entre a Secretaria Estadual do Trabalho e a Faesp (Federação da Agricultura de São Paulo), entidade representativa dos usineiros.

Uma das principais críticas ao movimento (que chegou a contar com 30 mil grevistas e a mobilização dos milhares de ruralistas restantes na região) bate na mesma tecla de todo início de ano: as usinas se dizem sem condições de contratar, nesta época de entre-safra (janeiro a meados de abril) toda a mão-de-obra absorvida durante o pique da produção de açúcar e álcool. Nas culturas de grãos e algodão, por elas desenvolvidas enquanto a cana-de-açúcar não cresce, a maioria dos que trabalharam a safra são devolvidos via empreiteiros, às localidades de origem. A minoria, utilizada na entre-safra, tem de se contentar com salários bem menores que os recebidos durante a produção açucareira. Para alívio dos usineiros, a situação ameaçou virar tradição.

Mas não passa de ameaça. Guariba, a mesma cidade que em abril do ano passado, obteve as primeiras conquistas à classe trabalhadora rural, desde sua instituição no País, acendeu novamente o estopim. E parou. Por que manter a tradição do sub-emprego a alguns e desemprego a milhares, passou a ser a tônica do movimento, tão influente que tem atenção especial do novo presidente da República, eleito sem o voto dos brasileiros na terça-feira, dia 15.